

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
CRUZ E SOUSA, O POETA “MALDITO” E “DECADENTE”:
ANALISANDO O POETA
A PARTIR DAS OBRAS DE BOSI (2012) E MERQUIOR (1979).

Thaís Nascimento Cunha da Soledade (UFRPE)
thais.soledade@gmail.com

RESUMO

Neste trabalho, analisamos, a partir das obras *História Concisa da Literatura Brasileira* (BOSI, 2012) e *De Anchieta a Euclides: Breve História da Literatura Brasileira* (MERQUIOR, 1979), como é observada a obra do autor simbolista João de Cruz e Sousa (1861-1898). Tal análise também terá como ponto de discussão a sua história e como esta influencia sua poética, no percurso da formação de seu legado "no qual oito anos haviam bastado (...) para a construção de uma das mais fulgurantes obras poéticas das literaturas latinas". (MERQUIOR, 1979). Justifica-se tal análise pela necessidade de se observar a imagem de Cruz e Sousa além das "lendas" e estereótipos a ele atribuídos, como um autor "obcecado pelo branco" e "alienado às lutas abolicionistas".

Palavras-chave:

Cruz e Souza. Literatura brasileira. Análise crítica. Simbolismo. Historiografia.

1. Introdução

Neste trabalho, analisamos a partir das obras *História Concisa da Literatura Brasileira* (BOSI, 2012) e *De Anchieta a Euclides: Breve História da Literatura Brasileira* (MERQUIOR, 1979), como é caracterizada a obra do autor simbolista João de Cruz e Sousa (1861-1898). Tal análise também terá como ponto de discussão a sua biografia e como esta se articula a sua poética, no percurso da formação de seu legado – no qual “oito anos haviam bastado [...] para a construção de uma das mais fulgurantes obras poéticas das literaturas latinas”. (MERQUIOR, 1979)

Justifica-se tal análise pela necessidade de observarmos a imagem de Cruz e Sousa além das “lendas” e estereótipos a ele atribuídos, como um autor “obcecado pelo branco” e “alienado às lutas abolicionistas”. A isso, vale o estudo de diversos críticos, conforme dito por Capobianco (2014), que abriram esclarecimentos acerca destas visões:

Desde os primórdios da crítica, encabeçada no século XIX pela truculência de José Veríssimo ou pela rejeição de Araripe Jr., equívocos de leitura e o estigma do descrédito permaneceram arraigados. Em 1900, Alberto de Oliveira atribuía à “comiseração” diante dos infortúnios do autor de *Broquéis* o elogio de Sílvio Romero – que considerara Cruz e Sousa o maior poeta que o país

havia produzido, e “o ponto culminante da lírica brasileira após quatrocentos anos de existência”.

[...]

Foi preciso que um sociólogo e crítico francês, Roger Bastide, publicasse os “Quatro Estudos sobre Cruz e Sousa”, reunidos em *Poesia Afro-Brasileira*, de 1936, para abrir novas perspectivas e aprofundar alguns aspectos da lírica cruzesousiana. Mesmo criticado por partir de questões polêmicas ligadas à etnia e obsessão pelo branco, alçou o catarinense às mais altas esferas da poética mundial, equiparando-o a Mallarmé, o que não foi pouco. O ensaio de Bastide, retomado em quase todos os trabalhos de vulto sobre o poeta, abriu campo a novas e necessárias leituras. Exhaustivo seria enumerar as obras posteriores a Bastide que modificaram substancialmente o olhar que pairava sobre Cruz e Sousa naquele tempo. Os artigos “Poesia versus Racismo”, de Alfredo Bosi, “A noite de Cruz e Sousa”, de Davi Arrigucci Jr., “Do Polichinelo ao Arlequim, ou de Cruz e Sousa a Mário de Andrade”, de Gilberto Mendonça Teles, e “Um Canto à Margem – uma leitura poética de Cruz e Sousa”, de Ivone Daré Rabello; foram vitais nessa renovação, bem como as pesquisas sempre incansáveis de Andrade Muricy, Iaponan Soares, Nereu Corrêa, Lauro Junkes, Henrique da Silva Fontes, Zahidé Lupinacci Muzart e os trabalhos biográficos pioneiros de Abelardo Montenegro, em 1954, e Raimundo Magalhães Júnior, com seu *Poesia e Vida de Cruz e Sousa*, de 1961, que chegou até à 3ª edição em 1975. (CAPOBIANCO, 2014)

É a partir desses autores que veremos se desenhar uma imagem complexa do poeta, considerado Cruz e Sousa que faz com que o Simbolismo “exploda” no Brasil (MERQUIOR, 1979), mesmo sendo o autor vítima do preconceito inerente à sua condição de negro, mesmo com a instrução privilegiada que possuiu.

Para que possamos ter uma observação mais detalhada no corpo do estudo, veremos o posicionamento dos referidos autores deste trabalho a partir de tópicos específicos, por eles destacados: a vida, sua obra e seu posicionamento frente à questão do racismo por ele enfrentada ao longo de sua existência.

2. Desenvolvimento

2.1. A história de vida de Cruz e Sousa

Bosi (2012) e Merquior (1979) apresentam uma biografia de Cruz e Sousa a partir do seu nascimento, tendo como seus pais escravos alforriados pelo Marechal Guilherme de Sousa, que se torna seu tutor e lhe fornece uma educação excepcional, aprendendo também as línguas inglesa e francesa; a peregrinação pelo país, junto a uma companhia teatral itinerante; o retorno a Desterro, em Santa Catarina, onde é nomeado (e

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

impedido de assumir, por conta da “resistência de políticos locais, tingida de racismo”; MERQUIOR, 1979) promotor em Laguna; sua participação nos jornais catarinenses, além da sua direção em um periódico, batizado como *O Moleque*, em claro desafio ao preconceito da época.

Também mostram o fixar-se do poeta no Rio de Janeiro, em 1890, onde consegue um “emprego mísero na Estrada de Ferro Central” (BOSI, 2012) como arquivista neste espaço, constitui família junto à Gavita, de saúde psicológica “frágil”, nas palavras de Bosi, ou “enlouquecida”, conforme Merquior, e seus quatro filhos – dois deles falecidos antes da morte de Cruz e Sousa, em Minas Gerais, um ano após deixar a Corte por conta da tuberculose, doença que o mataria aos trinta e seis anos de idade.

A biografia do poeta, em Bosi, nos é apresentada em rodapé, visto que o crítico se preocupa, como procedimento geral em sua obra, apresentar a obra com maior destaque. Já no caso de Merquior, a história de Cruz e Sousa serve como introdução e a fim de assinalar que o seu destaque literário, iniciado em 1890 e “revelado” com o lançamento de *Missal* e *Broquéis*, ambos de 1893, tornando-se também marco inicial do Simbolismo brasileiro.

2.2. Legado poético

Em relação à análise da obra de Cruz e Sousa, os críticos estão alinhados em seu discurso de considerar o autor como o primeiro representante oficial do Simbolismo. Bosi ressalta, inclusive, que:

Os Simples, de Guerra Junqueiro, e o *Só*, de Antônio Nobre, ambos de 1892, eram, no fundo, obras neorromânticas, signos do saudosismo que iria vincar a poesia em Portugal antes dos anos modernistas. Mas a linguagem de Cruz e Sousa foi revolucionária de tal forma que os traços parnasianos mantidos acabam por integrar-se num código verbal novo e remeter a significados igualmente novos. (BOSI, 2012)

Importante colocar em destaque, aqui, as palavras do crítico: “*os versos parnasianos mantidos*”. O que, ao ver deste, Cruz e Sousa ainda mantinha, ao menos inicialmente, os resquícios do Parnasianismo, movimento literário ainda presente dentro do período em que o simbolista escrevia, e que continuará a vagar no Brasil, diferentemente da escola que o poeta representa. Sobre isso, Merquior também menciona, mais especificamente ao analisar um dos seus primeiros livros, o *Broquéis*.

Muitos dos poucos poemas de *Broquéis* ainda têm bastantes aspectos parnasianos (o próprio título – “broquel” era um tipo de escudo espartano – estava bem no espírito “antiquizante” do Parnaso): a prosódia correta, a rima rica, a “chave de ouro”, certa predileção pelo marmóreo ou metálico – e também um quê de *kitsch*, isto é, de mau gosto declamatório. (MERQUIOR, 1979)

No entanto, o mesmo ensaísta também fala acerca das características que, repetindo Bosi, formam um novo “código verbal”:

[...] Com tudo isso, porém, o livro já contém o autêntico Cruz e Sousa. [...] Aí está a musicalidade: assonâncias, aliterações, rima e ritmo envolventes; a sinestesia das “correspondências” baudelarianas (*harmonias da Cor e do Perfume*); o cromatismo carregado de simbolismo; o léxico tão raro quanto o parnasiano (mádidias, flébeis, volúpticos); o sestro da concretização do substantivo abstrato pelo plural (dolências, dormências); enfim, as augustas, indefectíveis, iniciais maiúsculas. (*Idem*)

É o acréscimo das características que faz de Cruz e Sousa, portanto, o poeta que consegue fugir das regras parnasianas e criar uma nova dimensão poética. Na análise que faz dos poemas “Clamando” e “Acrobata da Dor”, ambos pertencentes ao *Broquéis* (1893), Bosi também chega a tal conclusão:

Para o parnasiano, tudo pode ser dito com clareza: não há transcendência em relação às palavras, pois estas se apresentam em estreita mimese com a realidade empírica. Mas um poeta como Cruz e Sousa, *que se vê dilacerado entre matéria e espírito*, dará à palavra a tarefa de reproduzir a sua própria tensão e acabará acusando os limites expressivos do verbo humano. (BOSI, 2012, grifo nosso)

É igualmente importante a colocação da convergência das características únicas de Cruz e Sousa entre os dois críticos. Desses pontos, há de se fazer uma análise mais aprofundada.

1. *A sensualidade ou “angústia sexual”*: Para Bosi e Merquior, o simbolista manifesta, em sua poética, uma sensualização que tem um “tronco romântico: a idolatria da natureza, a feição naturista do Ideal cruzesouziano” (MERQUIOR, 1979). No entanto, segundo Bosi (2012), este naturalismo não é único, tendo em vista que “recebe, em geral, tratamento platonizante”, o que abre caminho para o segundo ponto, o da sublimação.

2. *A sublimação*: Forte característica do poeta simbolista, tal particularidade é destacada como uma forma de “censurar” o pensamento racional de situação de opressivo social, por conta de sua cor, o que faz com que, em uma análise superficial, tenhamos a errônea certeza de que Cruz e Sousa, ao admitir à cor branca um sinônimo de virtude e ao preto

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

todos os elementos negativos; quando, na verdade, sua posição de “dilatado”, conforme o grifado anteriormente, ele procura não colocar sua posição de forma sintática e consciente, embora seja nítido o *sofrimento semântico*, tão presente dentro das poesias do simbolista.

3. *A maturidade literária em Últimos Sonetos (1905)*: Ambos os ensaístas destacam a obra como máxima, a de maior complexidade de Cruz e Sousa. Bosi destaca a obra como “um livro maduro e complexo” em que “a palavra seria portadora de todo um universo de humilhação que teve por nomes a cor negra, a pobreza, o isolamento, a doença, a loucura da mulher, a morte prematura dos filhos” (BOSI, 2012), isto é, saindo da transcendência e apresentando o sofrimento do poeta em relação à sua realidade. Merquior (1979) fala que, nesta obra, “A espiritualização sublimatória da experiência dos sentidos se mostra aí em toda a sua plenitude, pois a *pathos* do livro sobrepuja o dos volumes anteriores”, em que a dor, o prazer, a natureza, o amor e a redenção se fundem à vivência transcendental simbolista.

2.3. Cruz e Sousa, o racismo e sua luta

Um destaque importante à vida de Cruz e Sousa, citado tanto por Bosi como por Merquior, é como o autor enfrenta o racismo, o que o faz ser considerado, nas palavras do último crítico, “poeta ‘maldito’”.

Segue um trecho de Merquior (1979), que comenta sobre o tema:

Do ponto de vista da aceitação social, a biografia do preto Cruz e Sousa, poeta “maldito”, é o inverso da do mulato Machado de Assis, que teve sua carreira de escritor glorificada pelo *establishment* cultural. [...] Negro puro, terá ele sentido na carne a opressão de uma sociedade bem tolerante para com os mestiços (que deram braços e ministros ao Império, e alguns presidentes à República Velha), mas ainda, no dia seguinte à Abolição, cheia de restrições ao homem de cor. (MERQUIOR, 1979)

Ou seja, ainda que o poeta simbolista fosse beneficiado por ser livre de nascença (e mais ainda por, 27 anos depois, testemunhar a liberdade, na forma da Lei Áurea, de seus “irmãos de cor”), bem-educado e com uma vasta cultura exposta em sua poesia, lhe era vedado o direito de participar da sociedade, sendo humilhado a cada momento em que ousasse “transgredir a regra”.

No entanto, Cruz e Sousa não fica totalmente indiferente à sua condição de cor. Bosi, ao expor a sua biografia, nos apresenta a sua participação, tanto dentro da imprensa, como na sua poesia Pré-Simbolista:

[...] milita na imprensa catarinense, escrevendo cônicas abolicionistas [...]. Os versos que escreve nos anos 80 ressentem-se de leituras várias, que vão dos condoreiros e da poesia libertária de Guerra Junqueiro aos parnasianos [...]. Em 1885, de parceria com Virgílio Várzea, escreve as prosas de *Tropos e Fantasias*, onde se alternam páginas sentimentais e anátemas contra os escravistas. Todo o período catarinense de Cruz e Sousa foi, aliás, marcado pelo combate ao preconceito social de que fora vítima em mais de uma ocasião [...]. (BOSI, 2012)

Merquior também nos apresenta este lado abolicionista do autor: "Dos vinte aos vinte e dois anos, cruza o país como 'ponto' de uma companhia teatral itinerante, e profere, em várias capitais, conferências abolicionistas". (MERQUIOR, 1979)

Além disso, como citado anteriormente, Cruz e Sousa também provoca a sociedade, com a direção do jornal *O Moleque*, em seu retorno à Desterro.

Com isso, o autor simbolista perde o estereótipo de "um autor obcecado pelo branco", conforme muitos o classificavam. Merquior nos mostra Cruz e Sousa como alguém que

nunca parece ter trocado o orgulho por qualquer humildade acomodaticia; ao contrário: o cantor da "obsessão pelo branco" não foi só episodicamente abolicionista – será sempre e profundamente libertário, mesmo em sua obra aparentemente evasionista e evanescente. (MERQUIOR, 1979)

Ainda que este, em "sua forma inconsciente", adotasse a cor branca como algo puro e virtuoso – que ambos os críticos classificam como "sublimação", não podemos desconsiderar, com o que é descrito, a figura do poeta simbolista como não somente consciente, mas também uma figura ativa na luta pela abolição e pelo seu posicionamento perante a rejeição que sofria por ser negro.

3. Considerações finais

A partir dos pontos analisados, podemos concluir que a vida e obra de Cruz e Sousa, ainda que vista de forma convergente por Bosi e Merquior, a forma com que os historiadores da literatura trabalham acerca do simbolista é distinta.

Enquanto Bosi busca dar maior atenção à análise da obra como parte maior de seu estudo acerca do poeta, colocando as informações referentes à biografia como um texto suplementar; Merquior procura juntar

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

a vida e a obra de Cruz e Sousa em sua análise, a fim de justificar a sua complexidade enquanto grande autor, por este considerado.

Mesmo com essas distinções, os autores buscaram fazer uma análise complexa e abrangente do simbolista, retirando dele as impressões que, aparentemente, são destacadas nos seus escritos, e apresentando um poeta que, ao mesmo tempo em que lutava contra o preconceito, foi responsável por introduzir no Brasil um movimento literário que o tempo (e os modernistas) consagrou, ainda que, em vida, Cruz e Sousa não tivesse tido tanto reconhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 48. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

CAPOBIANCO, Juan Marcello. *As múltiplas dimensões de Cruz e Sousa: uma leitura crítico-biográfica interdisciplinar e fragmentada*. 2014. Dissertação (de mestrado). – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*, 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olímpio, 1979.